

O videoclipe como texto de cultura e de memória e o registro do jovem contemporâneo, pela visão da Semiótica da Cultura

João Paulo HERGESEL¹
Daniela Ferreira LIMA²

Resumo

Lotman dizia que a Cultura é um grande texto no qual estão inseridos vários subtextos. Neste trabalho, realizou-se um levantamento teórico e uma discussão acerca dos conceitos de Semiótica da Cultura, priorizando os estudos do russo Iuri Lotman em favor da Comunicação: texto, arte, cultura e memória. Apoiados em outros autores com visão lotmaniana, considerou-se também o videoclipe como um exemplo de texto cultural e de memória, bem como enxergou-se o formato como um produto midiático no qual o signo poético pode se manifestar. Além disso, essas ideias foram aplicadas na leitura do videoclipe *We can't stop*, da cantora norte-americana MileyCyrus, destacando-a como um registro do jovem da década de 2010.

Palavras-chave: Semiótica da Cultura. Iuri Lotman. MileyCyrus. Videoclipe. Memória.

Abstract

Lotman said that culture is a major text in which are embedded several subtexts. In this study, we conducted a theoretical survey and a discussion under the concepts about Semiotics of Culture, prioritizing the studies of Russian Yuri Lotman in favor to Communication: text, art, culture and memory. Supported by other authors lotmaniana vision, we also considered the videoclip as an example of cultural and memorial text, and we saw up the format as a media product in which the poetics can manifest. Furthermore, these idea shave been applied in reading the music video *We can't stop*, from US singer Miley Cyrus, highlighting hem as a record of the young from the 2010s.

Keywords: Semiotics of Culture. Yuri Lotman. Miley Cyrus. Videoclip. Memory.

Introdução

De acordo com a visão lotmaniana, a Cultura é um grande texto no qual estão inseridos vários subtextos – e essa compreensão, embasada sobretudo nos estudos

¹Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba. Membro do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (NAMI), E-mail: j.hergesel@edu.uniso.br.

²Mestra em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba. Membro do Grupo de Pesquisa em Mídia, Cidade e Práticas Socioculturais (MIDCID). E-mail: fotosdaniella@hotmail.com.

semióticos, recebeu o nome de Semiosfera. Neste trabalho, realizou-se um levantamento teórico e uma discussão acerca dos conceitos de Semiótica da Cultura, priorizando as considerações destacadas pelo russo Iuri Lotman em favor da Comunicação: texto, arte, cultura e memória.

Na primeira parte, optou-se por revisar a biografia de Lotman e a influência de suas pesquisas para a área de Comunicação. Em seguida, fez-se uma reflexão sobre o conceito de texto, à busca de uma possível definição para a palavra. Posteriormente, abriu-se uma discussão acerca do entendimento de texto artístico e sua relação com os produtos midiáticos.

Em prosseguite, considerou-se também o videoclipe como um exemplo de texto cultural e de memória, bem como enxergou-se o formato como um produto midiático no qual o signo poético pode se manifestar. Além disso, essas ideias foram aplicadas na leitura do videoclipe *We can't stop* (2013), da cantora norte-americana Miley Cyrus, destacando-a como um registro do jovem da década de 2010.

Iuri Lotman e a escola de Tártu-Moscú

Professor da Universidade de Tártu desde 1954, Iuri Mikhailovitch Lotman (1922-1993) deixa um forte legado para a Comunicação, para a Arte e para a Cultura (cf. AMÉRICO, 2012). Estima-se que tenha produzido mais de 800 ensaios com grande variedade de temas entre 1964 e 1992, sendo que muitos dos seus textos surgiam de preparações de aulas e discussões com alunos.

Esse notável pesquisador dedicou-se aos estudos em diversas áreas, como: mitologia, folclore, teatro, cinema, comportamento, religião, cultura, arte, poética e semiótica da cultura. Não coincidentemente, foi o fundador da Escola Semiótica de Tártu-Moscú, além de manter as profissões de filósofo, teórico, crítico literário, semioticista e casado com Zara Mints, com quem teve três filhos.

Lotman nasceu em 1922 em uma família de intelectuais de origem judaica. Em 1939, tornou-se estudante de Filologia da Universidade de Leningrado, onde teve aulas com grandes nomes, como Vladimir Propp (1895-1970), com quem estudou folclore. Após um ano de faculdade, foi convocado para a guerra e serviu por quatro anos em

Berlim. Enquanto estava em combate, aprendeu francês e sua experiência serviu como base para o pensamento que desenvolveu sobre a Cultura.

Quando criança, Lotman também se interessava por entomologia, o estudo dos insetos; dizia que este mundo era inteligente, porém misterioso. O interesse por essa biosfera também contribuiu para as formulações a respeito da Cultura e para a criação do conceito de Semiosfera, bem como, subentende-se, para sua consolidação como estudioso estruturalista.

Questionador, como outros grandes pensadores – entre os quais podemos citar Walter Benjamim (1892-1940) e Roland Barthes (1915-1980) –, Lotman interessava-se por assuntos e pessoas não estudados ou até esquecidos. Acreditava que a cultura deveria ser compreendida em seu contexto histórico, e esse (con)texto foi determinante no desenvolvimento de seu pensamento.

Na época em que o governo Stálin esteve em luta contra os cosmopolitas, os judeus soviéticos, origem de sua família, estavam sendo perseguidos. Como já era tinha formação em estudos linguísticos pela Universidade de Leningrado, Lotman procurou outro lugar para morar, começando sua vida do zero – já que, por questões políticas, não podia lecionar nas universidades russas. Mudou-se, portanto, para a pequena cidade de Tártu, na Estônia.

Estônia, Letônia e Lituânia foram os últimos países a se juntarem à Rússia, na formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e ainda mantinham a liberdade de expressão. Na Universidade de Tártu, Lotman lecionou a vida toda, trabalhando, sempre que possível, ao lado de sua esposa.

As pesquisas na universidade sobre análise de texto poético e estudos de modelos culturais eram muito produtivas e, nos anos 1960, Lotman passou a se interessar pelo Estruturalismo e pela Semiótica. Em 1962, aproximou-se dos linguistas e estudiosos de Literatura de Moscou, participando de um simpósio de estudo estrutural de sistemas sígnicos. A publicação da coletânea de teses o encantou de tal maneira que trouxe esses conceitos para Tártu.

Essa passagem ajudou a constituir a Escola Semiótica de Tártu-Moscou. Como líder e fundador, presenciou a formação de diversos autores hoje renomados, como Vladimir Toporov (1928-2005), Bóris Uspênskii (1937-) e Vyacheslav Ivanov (1866-

1949). Lotman se dedicava cada vez mais ao Estruturalismo; seus livros *Curso de poética estrutural*, *A estrutura do texto artístico* e *Análise do texto poético* representam contribuições para a área.

Muito embora a escola tenha sido influenciada pelo Formalismo Russo e pelo Estruturalismo, características da cultura em que estava inserida, a Semiótica da Cultura passou a ser defendida como uma ciência que visa a analisar a correlação dos diferentes sistemas sígnicos; tanto que a preocupação de seus seguidores são os textos.

Lotman, uma vez que argumentava que toda a tipologia textual devia ser interpretada como um problema semiótico, dizia que a Cultura, como um todo, podia ser analisada como um texto, e a Semiótica da Cultura era o modelo ideal para o estudo. Após deixar inúmeras contribuições para a área de Comunicação, Letras e Ciências Sociais Aplicadas, o autor faleceu em 1993 e foi sepultado em Moscou.

Por uma definição de texto

É comum, principalmente na fase escolar, entender o texto como um conjunto de parágrafos – estes, formados por frases; e estas, por sua vez, formadas por palavras – coesos entre si e coerentes com o contexto, direta ou indiretamente ligados a um tema, com o propósito de narrar, dissertar ou descrever, resultando em uma produção escrita com sentido completo.

Precisa-se, no entanto, explorar a dimensão do significado, não se limitando somente à linguagem verbal, nem concentrando-se unicamente na escrita; para um estudo sobre texto, é necessário compreender também a oralidade e as categorias da linguagem não verbal: o visual, o sonoro, o audiovisual, entre outros.

Muitas são as tentativas de definição para o que seria o texto propriamente dito. Uma considerada aceitável é a visão bakhtiniana de relacionar o texto ao tecido, à textura que se compõe com a associação de palavras, ou imagens visuais, ou sons, ou com a mescla de mais de um tipo de linguagem. Para os estudos de Semiótica Russa, a ideia mais aceita é a apresentada e discutida por Lotman (1978).

Para o teórico, texto é a materialização da expressão, ou seja, a concretização do abstrato, o registro de um pensamento exprimido, e está fixado em signos

determinantes, isto é, nas palavras, nas imagens visuais, nos sons – ou na mistura desses elementos – que o configuram. É também a realização de uma função cultural, dado que está envolto em uma temporalidade e em uma ambientação, é criado pelo homem e está atrelado a algum fator da sociedade.

O objetivo de um texto é, portanto, transmitir a significação integral de algo; é uma estrutura tecida de signos (verbais, não verbais ou mistos) que visa à comunicação de uma mensagem. Devido a isso, atribui-se ao texto uma organização interna que o transforma num todo estrutural – estrutura esta que é criada pelo autor e recriada pelo leitor.

Ainda para Lotman, o texto, como um todo, não é um produto único, e sim formado por outros pequenos textos que complementam ou aprofundam uma tese inicial. A busca da ciência é pela descrição desse encaixe de textos, de uma possível hierarquia entre os tecidos; por outro lado, o leitor não científico atribui ao texto um caráter completo e o enxerga como resultado de algo pronto, sem desenvolver a percepção artística.

Em diálogo com a visão lotmaniana, Silva (2010) entende o texto como um sistema estruturado de códigos que tem como finalidade a transmissão de uma mensagem. Além disso, a pesquisadora ressalta que o texto, seja ele artístico ou não, está infiltrado na cultura e são produzidos e difundidos pelos meios de comunicação, tal qual a arte.

O texto artístico e os produtos midiáticos

Dentre os meios de comunicação, um deles é a arte. Além de proporcionar o envolvimento entre um emissor – autor da obra artística – e um receptor – leitor dessa obra –, ainda torna-se um texto de múltiplos sentidos, já que cada um o compreenderá conforme o conhecimento prévio que tem em si (LOTMAN, 1978).

Embora haja uma discussão pulsante acerca desse assunto – afinal, a arte seria mesmo um modo de comunicação? –, Silva (2010) defende que a arte não só é uma forma comunicativa, como é uma das mais completas, dado que permite ao receptor utilizar todos os seus sentidos e lhe proporciona uma experiência estética do texto.

Além disso, o texto artístico pode ser compreendido como signo poético, porque sua estrutura linguística não se limita às artes propriamente ditas, mas podem estar presentes também em textos culturais. Neste estudo, por exemplo, o videoclipe é tratado como um texto cultural de registro de memória, aplicando-se, portanto, a visão de Lotman para referendar tal ideia.

Para isso, esta pesquisa apoia-se também em Silva (2010), defensora de que os produtos criados pelos veículos midiáticos, “seja em qual suporte se apresentem, não raro, estão permeados por mensagens estruturadas de forma complexa, que fazem uso do poético ou nele esbarram com uma proximidade e familiaridade bastante constantes” (p. 280).

Ainda para a autora, é comum o poético estar presente em partes do produto da indústria cultural e mostra-nos que é relevante estudar o conteúdo implícito nessa linguagem. Posterior a isso, a autora nos apresenta a metáfora do palimpsesto para justificar o signo poético: ele é formado por camadas que precisam ser exploradas até se chegar à sua origem.

Para que se chegue a um bom resultado com o estudo de produção de sentido, é necessário que se avaliem as entrelinhas, a intertextualidade, os subentendidos e, indispensavelmente, os traços estilísticos do texto. Entendemos, portanto, que figuras de linguagem, vícios, virtudes e outros recursos da Estilística contribuem para as explorações e revelam um possível significado.

Textos artístico, de cultura e de memória

Lotman compreende os textos além da esfera da língua, como sendo falas da cultura. Além de um sistema de signos, para Lotman (apud AMÉRICO, 2012), a cultura é um grande texto que se autorregula, com diversos textos em si, que possuem intertextos e remetem a outros textos, formando a Semiosfera – sendo ela o lugar em que moram todos os sistemas de signos ou textos culturais.

Para que os sistemas semióticos possam existir, é preciso que estejam, ainda, em um ambiente adequado; um espaço onde as semioses possam ocorrer. Assim como a vida não existe fora da biosfera, os sistemas semióticos não existem fora da semiosfera (MAROCCO; RAMOS 2010).

Em diálogo com a ideia de Semiosfera, Ferreira (1995) diz que o texto não é apenas um gerador de significados, mas um condensador de memória cultural, sendo esta uma memória não hereditária. A transformação da vida em texto é a introdução de elementos na memória coletiva. Nos textos, existe um espaço de significação, ou seja, esse tipo de ambientação contribui para a memória não apenas dos signos que estão representando, mas de todo seu contexto histórico, dos fatos extratextuais e suas possíveis associações.

Lotman (apud FERREIRA, 1995) afirma que a cultura se dirige contra o esquecimento e que a história da humanidade é uma luta de memórias. Os textos contribuem tanto para a memória quanto para o esquecimento, pois não são a realidade, apenas representação. A cultura vai excluindo determinadas representações (ou textos), excluindo elementos indesejáveis da memória coletiva.

Halbwachs (1990) entende a memória como individual e coletiva. Para o autor, a memória é uma construção de grupos sociais; são esses grupos que determinam o que é memorável ou não. O autor aponta também que nossas lembranças pessoais não são apenas individuais, mas de um grupo, e que a memória individual existe na medida em que um indivíduo está inserido em um grupo.

Em outras palavras, é possível situar a memória em um (con)texto cuja memória coletiva ou cultural está pautada em pequenos textos de memória individual. Dessa forma, crê-se que o sujeito, mesmo enquanto solo, sempre participará dos dois tipos de memória: individual e coletiva. Em diálogo com os conceitos lotmanianos, compreende-se que a cultura e seus textos – são lugares de memória coletiva.

O videoclipe como signo poético

Como supracitado, enquanto resgate dos estudos de Lotman (1978), o texto atravessa os limites da linguagem verbal, podendo estar presente, portanto, nas obras de arte. Além disso, conforme instrui Silva (2010), as características do texto artístico estão umbilicadas ao considerado poético – e este pode estar presente nos mais diversos produtos midiáticos. Portanto, ao entender o videoclipe como texto e, aceita-se,

sobretudo, a ideia de que ele, enquanto veículo midiático, é um portador de fatias do signo poético.

Dialogando com a metáfora adotada por Silva (2010) a respeito da poeticidade, Oliva (2013a, p. 1) apresenta que “a ideia de palimpsesto marca o tempo na imagem do videoclipe, uma generalizada cadeia de imagens figurativas em múltiplas camadas, possibilidades e aspectos figurativos que dissociam totalmente a noção temporal”.

Ainda para Oliva (2013a), o videoclipe, por não possuir necessidade de narrativa lógica e linear, funciona como objeto de experimentação que visa à combinação entre marca e estilo, moda e cinema, a fim de alcançar a criação visual de uma imagem direcionada a jovens ansiosos por sensações, estilo e originalidade.

Devido a isso, a técnica da estética cinematográfica tem sido desrespeitada. Com uma tentativa ousada de inovação, o videoclipe da década de 2010 tem se voltado ao “primitivismo deliberado, à imagem suja, mal iluminada, mal ajustada, mal focada e granulada, o corte na rebarba, a câmera sem estabilidade e sacudida por verdadeiros terremotos” (OLIVA, 2013a, p. 1).

O autor também esclarece que as cantoras deixaram de ser apenas a presença humana da voz responsável pela canção; hoje elas atuam de forma até mesmo polêmica. A ideia é reforçada em: “Tais marcas do comportamento das cantoras, às vezes, ficam sobrepostas aos recursos pirotécnicos das imagens. [...] Apesar de toda essa imersão em imagens, iremos encontrar uma narrativa clara na atuação da cantora como uma personagem” (OLIVA, 2013a, p. 1).

Tal como Silva (2010) apresenta a ideia de que a arte, ou o signo poético, resulta em diferentes e variadas interpretações de seus receptores, pois está relacionada à experiência estética, Oliva (2013b) afirma que os videoclipes desta época têm sido produzidos com foco, prioritariamente, na estética, visando à valorização das sensações e da forma.

Os cantores midiáticos, impulsionados pela indústria cultural, proporcionam a representação de uma sociedade à qual se encontra vinculado (OLIVA, 2013b). Com isso, os videoclipes acabam expressando imagens de pessoas consolidando um determinado estilo, vivendo momentos de descontrole e com a sexualidade escancarada.

Miley Cyrus como texto artístico memória

A memória individual, como aponta Halbwachs (1990), contribui para a memória coletiva na medida em que seus textos servem para a formação de um grande texto cultural. Somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio de memória (LOTMAN apud FERREIRA, 1995); então é possível compreender que os textos da cultura contribuem para a preservação da memória.

Henn (2007) diz que, na contemporaneidade, a materialidade e os conteúdos da Semiosfera, em grande medida, são midiaticizados, e que a memória coletiva se organiza em diversos textos, o que nos reforça o pensamento de que os textos culturais produzidos para reprodução de massa favorecem a preservação da memória.

A partir das teorias de Semiótica Russa e das ideias tratadas pelos autores abordados, buscou-se analisar o videoclipe *We can't stop*, da cantora norte-americana Miley Cyrus. Ofoco, em especial, foi estudar esse formato audiovisual como exemplo de texto poético, de cultura e de memória – mesmo enquanto produto midiático da indústria cultural – e configurar a imagem da jovem cantora como um texto de memória do adolescente da década de 2010.

Em consulta a Silva (2010), torna-se compreensível que não há textos puros, pois neles estão implícitas todas as visões de mundo de seu autor e dos demais autores de que esse autor em questão se utiliza. Logo, todos os textos são um emaranhado de informações codificadas, sejam elas verbais, visuais ou culturais.

Os signos linguísticos, por sua vez, são responsáveis por converter fenômenos em significação, e então, em um processo tradutório, novos textos são absorvidos na memória do sistema, trazendo novos conteúdos, que surgem a partir dos antigos, por meio dos signos que reconhecemos.

Com relação ao clipe, nota-se que ele traz à tona diversos textos de outras épocas, referenciando a outros artistas, movimentos estéticos e culturais, videoclipes e filmes, tornando esta obra audiovisual complexa e poética a partir da junção de vários elementos significantes e nos proporcionando uma revisão de signos.

Imagem 1: Miley e suas expressões.



Fonte: Wecan't stop.

Nesta imagem, verificamos a expressão facial de rebeldia, demarcada pela piscada forte e pela trincada de dentes. Esse sentimento é reforçado pelo gesto feito com os dedos, usados como uma forma de atrair a atenção. Por ora, não se vê como relevante discutir se esse signo pode ser tratado como um código secreto, como um homem com as pernas para cima, entre outras especulações.

Um elemento que chama a atenção na personagem de Miley Cyrus é a cor dourada, presente não apenas nas joias e acessórios que utiliza – como o enfeite dos dentes caninos –, mas também no esmalte. Essa cor contrasta com o preto do chapéu, do véu e da camiseta. Podemos dizer que o preto representa a morte de uma era (a Miley boazinha, comportada, infantil, montada pela Disney), e o dourado, o renascimento (a figura luxuosa, confrontadora, juvenil).

Para Chevalier e Gheerbrant (2012), o ouro, tanto como cor quanto como luz, são símbolos solares, que remetem à perfeição; já o preto, enquanto cor oposta à todas as cores, apresenta um aspecto negativo, de relação às trevas, à mortalidade. A presença dos detalhes dourados nas vestes escuras de Miley pode revelar que, embora tenha ocorrido uma transformação (a menininha gentil ficou endiabrada), existem aspectos positivos sobre isso; para percebê-los, basta atenção.

Imagem 2: Miley e a erotismo debochado.



Fonte: Wecan't stop.

Nessa segunda imagem, nota-se uma postura corporal erotizada, com uma das mãos atrás da nuca e outra alisando o abdome, em sinal de oferecimento. A intenção é reforçada com a abertura da boca e a inclinação da cabeça. Entre os acessórios, Miley faz uso de óculos escuros com armação cor-de-rosa, lenço na cabeça, gargantilha dourada e pulseiras coloridas, além da roupa curta, remetendo ao litoral – imagem corroborada pela inscrição “West Coast” (em tradução livre, *costa oeste*) na camiseta, na região do busto.

Ao fundo, destacam-se ursos de pelúcia gigantes. É perceptível que não se tratam unicamente de brinquedos, mas de mochilas: há pessoas manipulam os ursos, fazendo-os dançar. É possível entender essa cena como uma insinuação de que, apesar de elementos infantis, há uma erotização: o jovem não é mais ingênuo. Pode-se ainda considerar que a cantora usa os “brinquedos” da forma como pretender.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2012), o urso é símbolo dos ancestrais, para os algonquinos do Canadá. Traduzindo isso para a imagem acima, torna-se possível interpretar que o urso representa a carreira artística antecedente, ou seja, a fase Hannah Montana. Ao trazer o urso na forma de mochila, a imagem pode representar que Miley carrega o passado nas costas; mas que já o considera leve, a ponto de suportá-lo e transitar com ele, mesmo nessa nova fase, mais rebelde.

Imagem 3:Miley dançando o *twerking*



Fonte: Wecan't stop.

Neste exemplo, é visível a antítese gerada ao aproximar o branco da vestimenta de Miley (cor universal para representar a pureza, a virgindade) com a postura corporal, a língua para fora da boca, o penteado ousado e a cor rubra nos lábios e nas unhas (fatores que contribuem para extrapolar a sensualidade).

Este frame ainda registra o *twerking*, estilo de dança que se tornou famoso por meio das apresentações da cantora. O *twerking* consiste em empinar o quadril e sacudi-lo, esfregando-se em outra pessoa. Opiniões a respeito desse movimento ainda são divergentes: há quem o rejeite, culpando-o por uma erotização do adolescente

contemporâneo, mas há quem o defenda, como sendo uma versão atual da valsa ou da “Elvis The Pelvis”.

Retomando Ferreira (1995), os espaços de significação dos textos culturais contribuem para a memória não apenas dos signos representados neles, mas de todo seu contexto histórico. Este videoclipe, portanto, é um objeto de memória que configura essa significação, pois remete a episódios sobre a vida da cantora e sua mudança de posicionamento na carreira, além da comoção que causou na sociedade estadunidense com a apresentação na música *We can't stop* no VMA 2013³.

O VMA, acrônimo de *MTV Video Music Awards*, é uma das principais cerimônias de premiação norte-americana que visa a prestigiar os videoclipes mais festejados do ano. Na edição de 2013 do respectivo evento, a cantora levou a temática do clipe para o palco e abusou da erotização, para causar estranhamento. Além disso, Miley contribuiu para a lembrança de manifestações culturais, como o já mencionado *twerking*.

Considerações finais

Com esse levantamento teórico dos estudos de Iuri Lotman, entende-se que: a Cultura está ligada à linguagem; a linguagem é o elo entre os viventes; a Comunicação se dá por meio da linguagem e, portanto, é feita pela Cultura e está inserida na Cultura; a Cultura é memória não genética, aquilo que é compartilhado, armazenado e transmitido; texto é um sistema de códigos organizados (culturalmente) com a finalidade de comunicar; e Arte é um exemplo de texto e, portanto, também é Comunicação (gera uma ligação entre indivíduos).

Tomando por base a aplicação dos conceitos de Semiótica da Cultura, considera-se que: os signos poéticos podem estar presentes em produtos midiáticos da indústria cultural; o videoclipe é um exemplo atualizado de texto que repercute uma visão de mundo e, ao mesmo tempo, é capaz de proporcionar uma experiência estética a quem assiste; a figura de MileyCyrus, compondo uma parcela da juventude contemporânea, é

³ Conforme noticiado por Philip Mlynar, no site da MTV News. Cf. Referências.

caracterizada pelo exagero de sexualidade e, sobretudo, pela disseminação de um estilo de dança chamado *twerking*.

Além disso, constatou-se que os estudos do autor são altamente relevantes para a área de Comunicação, Cultura, Letras e correlatas, visto que trazem à tona observações pertinentes acerca de texto, arte e memória. Tais apontamentos servem para fazer refletir a respeito dos processos comunicacionais envolvendo esses fatores e, possivelmente, incentivar pesquisas sobre essas problemáticas, enriquecendo cientificamente o campo.

Referências

AMÉRICO, EkaterinaVólkova. **Alguns Aspectos da Semiótica da Cultura de Iuri Lotman Tese** (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa. Área de concentração: Cultura Russa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanidades da Universidade de São Paulo. 2012.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 26.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é memória. **Revista Usp**, São Paulo, SP, dez./fev. 1994-95, pp. 114-120. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/24/14-jerusa.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2014.

HALBAWCHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HENN, Ronaldo. A memória e arte na semiosfera midiaticizada. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, RS, v.9, n.18, jul./dez. 2010, pp. 103-114. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/621/460>>. Acesso em: 4 nov. 2014

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP: São Paulo, 1978.

MAROCCO, Beatriz; RAMOS, Julia Capovilla Luz. Pierre Verger e a Construção da memória cultural afro-brasileira em O Cruzeiro: sentidos textuais através das fronteiras. **Discursos Fotográficos**, Londrina, PR, v. 6, n. 9, jul./dez. 2010, pp. 163-170. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/6498>>. Acesso em: 4 nov. 2014.

MLYNAR, Philip. **MileyCyrusTwerks, Gives Robin Thicke Some Tongue At VMAs.** MTV News. 25/08/2013. Disponível em: <<http://www.mtv.com/news/1713017/miley-cyrus-robin-thicke-vma-twerk/>>. Acesso em: 4 nov. 2014.

OLIVA, Rodrigo. Um caminho duplo de interferência: reflexões sobre interações entre a linguagem cinematográfica e a linguagem do videoclipe. **Revista Universitária do Audiovisual**, São Carlos, SP, 2013a. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/site/?p=16323>>. Acesso em: 27 out. 2013.

OLIVA, Rodrigo. Reflexão sobre a linguagem do cinema e do videoclipe e suas interferências enquanto um objeto de comunicação. **Temática**, João Pessoa, PB, ano 9, n. 4, 2013b, pp. 1-11. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2013/Abril/linguagem_cinema_videoclipe.pdf>. Acesso em: 27 out. 2013.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. Contribuições de Iuri Lotman para a comunicação: sobre a complexidade do signo poético. In: FERREIRA, Giovandro Marcus et. al. **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas.** Porto Alegre: EdPUCRS, 2010, pp. 273-291.

WE can'tstop (2013). Direção de Mike Will Made-It. Estados Unidos: RCA Record; Sony Music Entertainment, 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LrUvu1mlWco>>. Acesso em: 26 nov. 2013.